

A NOTRE-DAME DE PARIS

RIO DE JANEIRO. — OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. — RIO DE JANEIRO.

PREÇO FIXO

E A' VISTA

RUA

LARGO DE

SÃO

Francisco de Paula

E

TRAVESSA

DO



OUVIDOR

ROSARIO

NOËL DÉCAP

O systema de vender com pequeno lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-DAME DE PARIS.

A este principio, sincera e lealmente applicado, é devida uma accitação nunca desmentida até hoje. E' franca a entrada no estabelecimento.

Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

Toda e qualquer mercadoria comprada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer comp'as, quer tomar informações, pedir troca de artigos ou restituição do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles pontar qualquer defeito das mercadorias e afiançar tão sómente as reconhecidamente boas.

Roga-se ás pessoas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á *Caixa*, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, ainda as mais afastadas, as amostras e preços correntes que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encommendados e manda por circular aos seus freguezes e ás pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia aviso das *Exposições e Vendas annuaes*.

Para as encommendas por cartas, taes como confections e costumes, quer para senhoras, quer para crianças, mandar um corpinho que assente bem.

TOMADA DE ASSALTO
SCENAS DA VIDA INTIMA

INTRODUÇÃO

DISTRIBUIÇÃO

PAULO GUEDES..... 35 annos.
VIUVA MOTTA..... 26 annos.

UM CRIADO.

A scena passa-se em Petropolis, em um chalet, ao fundo de um jardim.

O theatro representa um salão ricamente mobiliado, ao gosto moderno. Portas ao fundo e a esquerda e direita. A esquerda uma janella dando para o jardim.

SCENA I

PAULO entrando, e ao criado que se retira.

Está bem, esperarei. (Desce a scena precipitadamente.) Decididamente saberei hoje se esta mulher não passa de uma loureira... Talvez venha tornar-me ridiculo em sua pre-

sença: é o ultimo sacrificio que me resta fazer-lhe. Mas pôde ser que ella seja mais sensivel ao abandono do meu amor-proprio que aos arroubos sinceros da minha paixão e á offerta da minha fortuna... De ora avante tornava-se inutil toda a habilidade da minha parte... Até hoje não houve ainda um só de meus projectos que ella não lizesse abortar... Assim pois para males extremos, extremos remedios. Descubro todas as minhas baterias e ataco com vigor... Está fora de moda o arranhar-se a gente e ferir-se, e isso é bom; porque o tal systema nos desfigurava além de causar-nos dores horribes... O fogo deve ser mortifero... Vamos a ver se morro no combate!

SCENA II

PAULO e a VIUVA MOTTA.

VIUVA comprimentando-o e estendendo-lhe a mão.— Sr. Paulo Guedes.

PAULO.— Senhora...

VIUVA com entado.— Oh! meu Deus! que ar agitado!

PAULO febrilmente.— Ao contrario, estou calmo.

VIUVA.— Ora, eis ahi uma entoação de voz que desmente singularmente a sua affirmação.

PAULO.— Começa a pôr em pratica a sua tactica habitual... O sarcasmo! E o mais importante é que me não dá tempo de informar-me de sua saude.

VIUVA.— E' isto desnecessario, desde que ao ver-me deve sabel-a excellente.

PAULO.— E' verdade, assim é; o brilho de seus olhos, a frescura de sua tez, a...

VIUVA.— Eil-o encorrendo na mesma falta; já vê que não é muito facil o perdemos os máos habitos.

PAULO.— Como?

VIUVA.— Não, vae o senhor, tão depressa como eu dando á sua conversação o tom de todos os dias! Nada de lamurias, meu caro, treguas a ellas. Já não sou muito criança: as pastilhas assucaradas já me desgostão e das suas tenho tomado uma alta dose. Confesse que o senhor deve estar fatigado de dar-m'as como eu de tomal-as.

PAULO.— Oh! não. E' sempre para mim felicidade o poder dar que fazer aos seus alvos dentes.

VIUVA.— Continua?

PAULO.— Seja feito o que quizer. Encerro este capitulo e vou, visto que assim o des-ja, ao fim da minha visita, que afinal é de uma seria gravidade.

VIUVA.— Assente-se então (sentão-se.) Que vae dizer-me de novo?

PAULO.— Que entende por novo?

VIUVA.— Quero dizer se devo ouvir ainda em termos differentes as suas declarações amorosas?

PAULO.— Porque me faz essa pergunta?

VIUVA.— Porque então tomarei as minhas precauções para ouvir o menos possivel.

PAULO.— Precavenha-se pois, visto que hoje será tudo terminado.

VIUVA.— Graças a Deus! Assim pois amanhã dar-me-ha a liberdade?

PAULO.— Muito ao contrario: ficará completamente manietada!

VIUVA.— Já vejo que vae continuar no seu interminavel romance.



MOYSÉS NO BERÇO — QUADRO DE B. PLOCKORST.

PAULO.— Continuar, não; mas terminal-o.
VIUVA.— Tanto melhor.
PAULO.— Obrigado.
VIUVA.— Oh! não me queira mal; mas concorde comigo em como depois das minhas supplicas, dos meus conselhos e ameaças, calçados todos aos pés pelo senhor, me não pôde mais merecer compaixão.
PAULO.— Também não é a sua compaixão que eu quero: o que reclamo é o seu amor.
VIUVA.— Mas, para offerecer-lhe amor era necessario que o sentisse. Não posso dar-lhe aquillo de que não disponho.
PAULO.— Não me convenço da sinceridade de suas palavras.
VIUVA.— Atira-se á fatuidade.
PAULO.— Seja o que a senhora quizer.
VIUVA.— E' uma das qualidades com as quaes pretende fazer jus ao meu amor?
PAULO.— Desde quando as mulheres ligão importancia as qualidades dos homens?...

VIUVA.— Eis agora a insolencia!
PAULO.— Sabe bem que não sou um insolente.
VIUVA.— Meu caro Paulo, o senhor é um moço encantador, tem espirito, intelligencia; mas falta-lhe tacto e discernimento.
PAULO.— Diante da senhora, é bem possivel: minha paixão deve certamente cegar-me: creio mesmo que é essa cegueira que a justifica.
VIUVA.— E' preciso no entanto pôr um termo ás suas perseguições.
PAULO.— Depende isso da senhora.
VIUVA.— Não: appellô para a sua velha amizade, para a sua verdadeira affeição. Sabe perfeitamente que me compromette com as suas visitas quotidianas. Ambos somos moços, eu sou viuva e o mundo é tão máo!
PAULO.— As minhas visitas á sua casa são apreciadas como devem sel-o e a sua honra não corre o menor risco.
VIUVA.— Creio que pretende obrigar-me a fechar-lhe a minha porta.

PAULO.— Nada adiantava: eu entraria pela janella. Mas tudo isso é agora inutil. Em um momento ter-me-ha cedido a sua mão.
VIUVA.— Não tomo isso ao serio: veja que rio-me.
PAULO.— Pois digo-lhe que faz mal.
VIUVA.— Está assustador!... Porventura meditará crime?
PAULO.— Não é elle necessario para chegar ao meu fim.
VIUVA.— Mas começa a assustar-me.
PAULO elevando a voz.— Ah! juro-lhe que me desposarô.
VIUVA.— Falle mais baixo, mais baixo!
PAULO.— Tem-se até hoje negado a dar-me uma razão aceitavel.
VIUVA.— Posso dar-lhe até dez.
PAULO.— Mas nem uma aceitavel.
VIUVA.— Como?!... E o respeito a meu defunto marido?...
PAULO.— Essa palavra *respeito*, que emprega tão justamente, pó-le-se bem conciliar com o seu amor.
VIUVA continuando.— E o meu desejo de s r livre?...

PAULO. — Sel-o-ha seguramente muito mais, com um marido que a desembaraçará dos importunos.
 VIUVA continuando. — É os meus caprichos?
 PAULO. — Terão novos encantos para a senhora desde que forem satisfeitos por uma mão amada.
 VIUVA. — Mas se eu o não amo?
 PAULO. — Acabará por fazel-o?
 VIUVA. — Que diz, senhor?... pois serei forçada a dar-lhe o a meu gosto?
 PAULO. — De certo, pois que eu tomarei todos os aspectos que lhe possão agradar.
 VIUVA. — Mas se eu rejeito a sua fortuna?
 PAULO. — Não é senão isso?... Dal-a-hei para a *Escola Domestica de Nossa Senhora do Amparo*.
 VIUVA. — A sua ociosidade me não pôde satisfazer.
 PAULO. — Passarei a ser rabiscador publico.
 VIUVA. — Vejo que diverte-se com um assumpto serio: suas palavras concluo que o senhor não está enamorado.
 PAULO. — Mas se tão pouco seriamente conduz a conversação, de que outra linguagem devo usar?... Além disso o repito: toda a discussão séria de ora avante seria util; e com franqueza lhe digo que se o pudesse, romperia com a senhora.
 VIUVA. — Envolve esse seu final um novo mysterio, que sejava desvendar.
 PAULO. — Vim a revelar-lh'o, mas a senhora me não deixa fallar.
 VIUVA. — Oh! Sr. Paulo! nada de acanhamento: pôde fallar, mais seja breve.

PAULO. — De parte a parte não podemos recuar um passo.
 VIUVA. — E ainda menos ficar no ponto em que nos achamos.
 PAULO. — Mas sabe em que ponto estavamos?...
 VIUVA. — Nas declarações.
 PAULO. — Não? senhora!
 VIUVA rindo. — Oh! meu Deus!
 PAULO. — Não ria, senhora. Toda Petropolis sabe que eu a amo.
 VIUVA. — Mas sabe tambem que eu resisto ás suas sollicitações.
 PAULO. — Engana-se!... Affirmo-lhe que está em completo erro.
 VIUVA. — Como?
 PAULO. — Preveni aos meus e aos seus amigos de que a senhora tinha accedido ao meu pedido de sua mão.
 VIUVA. — Não o creio: isso é graça!
 PAULO. — Juro-lh'o: e todos approvão a nossa união. Olhe, leia *(apresenta-lhe uma carta)*.
 VIUVA lendo. «Felicito-o, caro cavalheiro, por haver obtido da minha amiga a promessa de sua mão. Este desenlace a ambos honra. Ao passo que o senhor nella encontrará uma mulher de coração e intelligente, ella achará no senhor um homem de espirito e devotamento. Hoje mesmo irei felicitar a futura Sra. Guedes pela sua escolha. — Aceite, etc., *Baroneza da Westphalia*.» *(ergue-se)*. Oh! mas isso é incrível!... Vou escrever já e já.
 PAULO. — Não faça tal; e vou provar-lhe que não o deve fazer.

Um criado entrando com uma caixa de papelão. — Da parte do Sr. Jorge Land trouxeram isto para a senhora. O portador retirou-se apenas effectuada a entrega.
 VIUVA. — O que é isto?
 PAULO. — Explical-o-hei *(a viuva faz signal ao criado para sair)*.
 Veja antes.
 VIUVA. — Rendas! joias!
 PAULO. — E' o seu presente de nupcias.
 VIUVA. — Senhor, fará voltar estes brilhantes, estas rendas, eu o exijo.
 PAULO. — Não mede então a extensão do escandalo que produzirá um semelhante recambiamento?
 VIUVA. — A' vista da sua impertinencia nada me é permitido medir.
 PAULO. — Mas as calumnias, as suspeitas injuriosas vão chover a cantaros.
 VIUVA. — Sobre o senhor... de certo... E é o seu justo castigo. Porventura esperava o senhor vencer-me com o seu presente?
 PAULO. — Seguramente, não! Quiz somente preparar as cousas de fórma que ficasse em risco unicamente o meu amor-proprio, em caso de necessidade. Além de tudo, isso ainda é nada.
 VIUVA. — Como?... Isso ainda é nada!... Pois temos mais alguma cousa?
 PAULO. — Oh! se temos! Daqui ha pouco chegará o Carvalho tabellião.
 VIUVA toca vivamente a campainha e o criado apparece. — Traga-me um chape e o chapéu! *(o criado sai)*. Vou deixal-o a só



SALVO DAS AGUAS! — QUADRO DE B. PLOCKHORST.

nhor; se o seu tabellião chegar, encarregue-se de se ranjar com elle.
 PAULO. — Mas, ouça, senhora, por favor!
 VIUVA. — Oh! senhor, é horrivel!
 PAULO. — E o vigario, a quem já fallei... e as minhas stemuhas... e as suas...
 VIUVA rindo convulsivamente. — As minhas?!... Ah! Ah! decididamente o senhor quer representar uma comedia!
 PAULO. — Creia que não.
 VIUVA. — E era com essa artimanha que pretendia obter minha mão?
 PAULO. — Sim, senhora.
 VIUVA. — E era assim procedendo que aspirava provar o seu amor?
 PAULO. — Sem duvida. A seus pés deponho meu amor-proprio, minha consideração, minha fortuna. Quererá zer-me passar por louco?
 VIUVA. — Isso me é indifferente *(o criado traz os objectos dados)*. Oh! ouça-me; eu saio, porque estou furiosa!
 PAULO. — Não, senhora: ficará. Visto que é inabaiavel, mim compete a retirada.
 VIUVA. — Afinal! resolveu-se a partir!

PAULO em tom tragico. — Sim, senhora. Seja feliz e praza a Deus que o remorso... *(sai precipitadamente)*.

SCENA III

VIUVA só, toca a campainha.

E' demais!... Quero ver como acaba esta comedia *(apparece o criado)*. Bernardo, segue a esse senhor e não percas o menor dos seus gestos *(o criado sai)*. Provavelmente quer fazer-me pensal-o capaz de atirar-se ao agude. — Se suppo seduzir-me com taes ardis engana-se redondamente!... Mas como estava agitado!... Tomar-me-ha por uma heroína de romance!... Em verdade quasi o amo!... Tria talvez commettido a loucura de o amar... Mas felizmente est u livre para sempre... *(võe a janella)*. Afasta-se... Que procurará na algibeira? Meu Deus! se elle fosse... E Bernardo que o não segue! *(toca a campainha)*. Tremo de susto! *(um criado apparece)*. Anacleto, vês aquelle senhor!... segue-o... Vae, vae de pressa *(o criado sai)*. Como são moleiros estes criados... Oh! meu Deus!... Elle olha para todos os lados... esconde-se atraz de uma arvore... não

ha duvidar; está louco e vae matar-se! Que desgraça e que escandalo!... Não o vejo mais... E os dous criados!... Onde estão aquellas duas lêmas?... Mas é impossivel!... Não posso!... *(gritando)*. Sr. Paulo! oh! Sr. Paulo!... *(retira-se apressadamente da janella)*. Céos! elle me vio! volta!... E' indispensavel que não veja a minha perturbação!... *(sentar-se, e depois de um momento de silencio, Paulo Guedes entra em scena)*.

SCENA IV

VIUVA MORTA E PAULO GUEDES

PAULO. — Chamou-me, senhora?
 VIUVA perturbada. — Sim... O senhor esqueceu-se de levar o seu presente.
 PAULO. — Ah! exige que eu mesmo...?
 VIUVA. — O leve, seguramente.
 PAULO. — Afinal a senhora tem razão. Guardarei estas rendas: é um consolo desde que se não tem o vulto ao menos possu r-se-lhe a sombra. Em falta da fe licidade terei a re-ordação, e sol re a si pultura, a quem é conduzirá

o seu rigor, ellas acharão o unico lugar que lhes convém de ora avante. Adeus.

VIUVA levando o lenço aos olhos. — Adeus!

PAULO aproximando-se. — Ah! se ao menos quizesse juntar a ellas esse lenço que acaba de enxugar uma lagrima...

VIUVA. — Uma lagrima!... Mas onde a viu? .

PAULO supplicante. — Não m'o pergunte. — Junta-o?

VIUVA. — Singular capricho!

PAULO mais ternamente. — Junta-o?

VIUVA. — E o senhor retirar-se-ha?

PAULO. — Oh! eu o juro.

VIUVA. — Para sempre?

PAULO. — Para sempre;

VIUVA. — Seja, então... eil-o... Mas que direi aos seus amigos e aos meus?...

PAULO. — Pouco lhe deve isso importar. E' sufficiente que a senhora saiba que fui eu a unica victima de tudo quanto se passa. O amor que lhe consagro dar-me-ha força para sacrificar as minhas relações assim como já sacrifiquei a minha felicidade. Direi a todos que enlouqueci e elles facilmente me acreditarão. Adeus senhora, adeus.

VIUVA. — Adeus! (Paulo sai precipitadamente.)

SCENA V

VIUVA toca a campainha com força, e senta-se à mesa, onde escreve. « Se não tiver perdido todo o respeito ás conveniências voltará amanhã a pedir-me perdão » (toca a carta e entrega ao criado que entra.) Leva esta carta ao seu destino. Não percas um minuto (o criado sai.) Pobre moço!... Como elle... não — como eu o amo!...

TH. C.

LITTERATURA

O CADERNO VERDE

(Continuação)

Em quanto Edith se prestava, sorrindo, a essa experiencia, Clara aproximou-se da porta e abriu-a repentinamente.

Não se enganara: M^{me} Baudouin, que não tivera tempo de se pôr em pé, escapou de plantar uma figueira no salão de visitas.

— A senhora deseja alguma coisa? perguntou M^{me} Baudouin.

— Por agora nada mais, respondeu a moça; sei o que queria saber.

Este gráoço devia necessariamente provocar uma vingança seria.

Mal vista já, Clara de Reuil tornou-se o seu hode expiatorio.

O sr Cellières—façamos-lhe esta segunda justiça— nunca tivera a intenção de dar á sua tia o papel de espião; esta é que se rebaixára a esse encargo, de si mesma, por gosto, por temperamento, e talvez tambem com a esperanza de descobrir um segredo cuja posse lhe restabeleceria a supremacia domestica; tanto mais que, conhecendo o genio suspeito de Ricardo, sabia como o deveria atacar com vantagem.

Certa manhã, M^{me} Baudouin entrou discretamente no gabinete de seu sobrinho, e fechando todas as portas, o index posto na bocca, e muitos suspiros, começou por protestar a sua dedicacão, a sua gratidão, a sua consciencia, os seus principios de mulher honrada, que lhe impunham o mais doloroso dos deveres...

— Deixemo-nos de discursos, interrompeu Ricardo fitando-a.

M^{me} Baudouin referiu então as frequentes ausencias de Edith e Clara; que ellas se occupavam muito de certo marquez...

— O seu nome? perguntou Ricardo.

— Não o dizem á minha vista.

— O marquez esteve aqui durante a minha ausencia?

— Ainda não, que aqui estou eu; mas, hontem, quando atravessava por acaso o toucador, encontrei as duas inseparaveis lendo papeis...

— E depois?

— A menina Clara queria rasgar-os, julgando imprudencia guardal-os. A senhora não queria, allegando que eram uma « doce recordação. »

— Mas, afinal, rasgou ou não rasgou os papeis?

— Isso é que não posso dizer.

— Está bom; basta. A senhora é uma velha doida! Deixe-me socegado!

Por enquanto a severa sentinella da honra do sobrinho não esperava mais: feita a mordedura, a grangrena havia de vir espontaneamente.

III

Esforcando-se por libertar o espirito dos phantasmas que o infernavam, graças ás caridosas insinuações de sua tia, o marido, nesse dia, prejudicou o corretor: os seus negocios deviam resentir-se disso.

Até então o sr Cellières parecia estar, e effectivamente estava, encantado de ver Clara de Reuil povoar a solidão em que vivia sua mulher; era, a seu ver, um preservativo contra as suggestões desse hospede perigoso que se chama o enfado. A partir desse momento, mudou completamente de opinião. As mulheres, disse com os seus botões, inclusive as que estão mais alto, são perpetuas conspiradoras contra o nosso reponso. Já é bastante ter a gente de lutar com a sua só; uma vez que são duas, e que se ligam, tornam-se poderosissimas.

Debaixo desta impressão, nessa mesma noite, ao voltar da Opera, olhando distrahadamente pela portinhola do coupe, Ricardo disse negligentemente a Edith:

— E' muito tua amiga mademoiselle de Reuil, pois não é?

— E' a minha compheira intima.

— E' muito boa pessoa... Vocês saem junctas quasi todos os dias, não saem?

— Sim... quando o tempo o permite.

— Ah!

— Moramos junctas; Clara nada tem que fazer; eu muito menos.

— Ah!...

— Eis dous Ah! cuja intonação me parece singular... Tem alguma cousa a dizer sobre isso?

— Precisamente não. Todavia parece-me que os dezoito annos de mademoiselle de Reuil não sao uma companhia bastante para uma moça como tu.

— Tenho eu culpa que a Bolsa não lhe dê horas de descanso?

— Tambem minha não é; em primeiro lugar estão os negocios.

— E sua mulher depois.

— Nada! a vida é a vida...

— Bem me parece.

Ricardo tinha um arsenal completo de argumentos desta força:

« A vida é a vida, — em primeiro lugar estão os negocios, — o tempo é dinheiro, — cumpre acceitar o que se não pôde impedir. »

— Não vejo grande mal, continuou o corretor, que não saias tantas vezes.

— E' uma ordem ou um simples conselho?

— E' o que lhe parecer.

O cocheiro parára em frente á porta e a discussão ficou nisso.

Os passeios tornaram-se mais raros, mas as duas amigas não deixaram por isso de passar os dias junctas.

Desde que a haviam surpreendido a espreitar, M^{me} Baudouin cahira-lhes das graças. Clara não lhe fallava mais, Edith conservava-a a distancia. De sahirem menos as duas moças, parecia resultar que M^{me} Baudouin obtivera a primeira victoria; isso, porém, não bastava á sua vingança. Clara incommodava-a e ralava-a; não queria mais vê-la... Ora, como expulsal-a, não do coração, mas da intimidade de Edith? M^{me} Baudouin desejava surprender uma acção, uma palavra, um indicio qualquer, sobre os quaes, com imaginação e veneno, fosse pelo menos possível inventar um conto que tivesse apparencias de uma historia. Demais, não lhe cabia estacarecer seu sobrinho, e provar-lhe que não o inquietára por nonadas?

Escutar ás portas? era tempo perdido; seguir as passeadoras? sim, talvez, com prudencia, tacto e um espesso véu no rosto. A' primeira vez que as duas « cumplices » sahiram a pé, rebocaram, rindo-se das distancias, com o seu passinho rapido e galante, M^{me} Baudouin até ao Sagrado-Coração. Esta limpava o suor da cara e não podia mais.

Restava a correspondencia; mas ainda ali o pasto era dos mehos pingues: uma carta dos avós de Edith ou da irman Santa Agostinha, um convite para jantar de M^{me} Vergne e nada mais.

Todavia, procedendo por inducção, do conhecido para o desconhecido, havia seguramente entre as duas amigas uma causa mysteriosa de confidencias reciprocas. Logo que esse marquez tão gabado não vinha á rua de Provence, era porque se encontravam n'outra parte, ás escondidas, em casa de alguma amiga complacente. Da mesma maneira quanto ás cartas; Clara era bem capaz de ser a diabolica intermediaria.

Ora vejam como o diabo as arma!

A avó de Edith e M^{me} Vergne foram passar uma noite á casa do corretor.

A avó, previdente, fazia meiasinhas de lan para uso de uma progenitura que ainda se não annunciara.

A « casamenteira » fabricava casamentos... com um baralho de cartas.

M^{me} Baudouin preparava o chá.

Edith acabára de lêr em voz alta, n'um jornal, a narraçõ de um acto heroico: um marinheiro que salvára de um incendio uma mãe e quatro filhos.

(Continúa.)

MOSAICO

O que mais importa não é o que o homem pôde saber sinão o fim, o alvo que attingirá ajudado do seu saber.

SMILES.

O respeito de si mesmo é o mais bello manto com que se pôde cobrir um homem, o sentimento mais elevado que pôde esforçar-lhe o espirito.

SMILES.

A nobreza de character é a perfeição e a gloria da vida.

SMILES.

A cabeça do homem laborioso assemelha-se a uma casa occupada pelo proprio dono, e a do vadio a uma casa vazia; e quando a tentação acha abertas ás portas da imaginação entra trazendo apóz de si toda a cáfta de maus pensamentos.

SMILES.

A toda hora é mister lembrar a uma menina que ella está destinada a fazer a felicidade de um homem: seu genero de educação deve consistir em lhe fazer

conhecer os meios e inspirar-lhe o gosto de conseguir esse fim, fazendo consistir nisso toda a sua gloria.

M^{me} BERNIER.

As mulheres, que bem comprehendem os direitos e deveres de mães de familias, não têm, de certo, de que se queixarem de seu destino. Si existe desigualdade entre os meios de ventura, concedida aos dous sexos, em favor das mulheres é.

M^{me} SIREY.

Qual é então a verdadeira sciencia das mulheres? É a da moral; eis o unico estudo que lhes convém que lhes é necessario, e pelo qual ellas podem influir na virtude dos homens.

M^{me} BERNIER.

Não ha acção alguma nesta vida que não seja principio de uma cadeia de consequencias de tal modo longa, que nenhuma providencia humana é bastante elevada para nos mostrar a sua perspectiva até ao fim.

PH. DE MALMESBURG.

HORAS DE OCIO

As muitas decifrações que d'esta vez recebemos provaram que vai agradando a presente secção. Foi d'esta vez maior o numero das que acertaram, mas o premio cabe á Ex. Sra. D. C. C. R. que primeiro nos enviou o seguinte:

4° R E I N O
E S T A R
I T E N S
N A N J A
O R S A T

5° E' um ovo, quando se atira para o ar, que de branco torna-se amarello apenas cahe no chão.

6° O pai 60 annos.
A mai 56 »
O filho 36 »

Eis os novos exercicios propostos. O premio é um elegante estojo com 50 folhas de papel e 50 enveloppes marcados com o monogramma do decifrador.

7° — Synonymos

A cada uma das palavras seguintes dai um synonymo porém de forma tal que as letras iniciaes dos referidos synonymos formem o nome de um dos filhos do Brasil de que a patria mais se ufana.

Sege Corpulento
Caminhar Orelha
Briga Professor
Canhamo Caminho
Vaga Calçado
Destino

8° — Hieroglypho

N'uma encrusilhada encontraram essa inscripção. Decifrai-a?

S
O
L O
T S O
D O H N
I M A C
O I U
Q A
É

9° — Problema geometrico

Aproveitar os pontos abaixo para traçar seis linhas rectas devendo cada linha recta passar por quatro pontos

• • • •
• •
• •
• • • •

NEMO.

N. B. A correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a NEMO, no escriptorio da redacção deste jornal.